

A FORMAÇÃO DO ESPAÇO POPULAR: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA MATERIAL DOS ESPAÇOS POPULARES DE FEIRA

Aline Nicole Barbosa Ramos¹
Camila Gonzaga de Oliveira²

Resumo: Este artigo busca refletir, a partir das Feiras populares de Alagoas, sobre a construção e relação destes espaços no contexto urbano. Analisando questões da Feira de Arapiraca e da Feira da Levada, essa última localizada em Maceió, o artigo procura ainda compreender as atuações dos grupos populares e do poder público na construção dos espaços e os afastamentos entre esses grupos e suas maneiras de construí-lo. As feiras se reinventam. Diante de imposições do poder público, volta e meia feirantes reconstróem suas bancas nas ruas, muitas vezes no entorno do seu antigo lugar e permanecem. Resistem e persistem. A criatividade popular e a invenção são importantes ferramentas para reconstruir a materialidade da feira e contornar as dificuldades, e cabe ao feirante usar da estratégia e da perseverança, tornando o fazer popular um importante elemento simbólico de luta e persistência.

Palavras-chave: feiras populares, espaços populares, cultura material.

A Materialidade dos Espaços

Um espaço que possui interação com o homem, seja ele urbano ou não, se modifica por meio dessa relação com o homem. Flusser (2007) vê o homem como um inventor que manipula, interage, cria cultura e transforma o espaço que o circunda. Logo, torna-se possível compreender que o homem é ativo na transformação do espaço e dessa forma, ele dá vida a materialidade que o cerca, cria o próprio espaço em que vive e os artefatos que utiliza.

Dessa maneira, o espaço ocupado pelo homem não pode ser considerado espaço natural, mesmo quando tem a natureza como parte majoritária. O homem interage. Ele abre caminhos, monta acampamentos, se relaciona com o lugar, especula e traça planos. Neste sentido, Milton Santos (1988) esclarece tal percepção e as diferenças entre espaço natural e artificial indicando que:

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e

¹ Graduada em Design pela UFAL e mestranda pelo PPGAU/UFAL. aline__ramos@hotmail.com

² Arquiteta e Urbanista pela UFAL e mestranda pelo PPGAU/UFAL. arq1camilaoliveira@gmail.com.

de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. (SANTOS, 1988. P. 23)

O autor complementa: "A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o **próprio espaço**, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis **diferentes de forças produtivas**, materiais e imateriais" (SANTOS, 1988. p.22. grifo nosso). Percebe-se que o autor reforça a relação do homem na construção do espaço em que ele está inserido, tal percepção se reforça em Halbwach (1990) que expõe que a interação entre o ambiente e o homem causa marcas em ambos, ele também exprime a capacidade dos lugares terem imagens que correspondem a essa relação.

Sendo assim, o espaço possuirá diferentes imagens ao longo do tempo, referentes às diferentes comunidades que podem viver e frequentar aquele determinado local. Essa mudança de imagem também pode ser relacionada às *diferentes forças produtivas, materiais e imateriais* que Milton Santos inseriu na citação exposta anteriormente, pois o autor exprime as diferenças dadas ao grupo, o conhecimento técnico de cada grupo e os materiais disponíveis também são aplicados na construção do espaço.

Partindo dessa questão podemos inferir que há diferenças entre as atuações dos grupos populares e do poder público na construção dos espaços. Ao fazer um recorte das feiras, que são pertencentes ao espaço público urbano, ficam evidentes as diferenças dadas à construção formal (poder público) e informal (feirantes). Tanto quanto a relação entre grupos e seu modo de construir e moldar o espaço, compreendemos que o espaço tem sua construção e imagem formada não só pelos aspectos físicos abordados até este ponto do artigo, mas também incorpora aspectos intangíveis como pertencentes à experiência do local, assim como os cheiros e os sons fazem parte da construção da Feira Popular.

A Relação Entre o Grupo Popular e o Espaço de Feira, Pertencimento e Persistência

O espaço, de acordo com Milton Santos (1988) é indissociável dos objetos geográficos, naturais e sociais e da sociedade em movimento, o termo para o autor relaciona de forma direta a materialidade, seja ela natural ou artificial com a sociedade.

A compreensão do termo permite questionar se as relações entre homem (como grupo), cultura material e lugar produzem relações de afeto e pertencimento. Para Halbwach (1990) as coisas não fazem parte da sociedade, mas ao mesmo tempo ele questiona o motivo de nos apegarmos a elas, o autor cita as marcas do grupo sobre o entorno material e coloca a memória, relações sociais, cultura e gosto como motivador desse elo. O autor também insere que o grupo que transforma o espaço também se submete e se sujeita a ele e que esse estado de permanência de influências tem seu equilíbrio. No entanto, surge o questionamento de como pertencer a um espaço sob constante ameaças?

Apesar das feiras serem práticas que ocorrem desde a Idade Média vinculados ao espaço urbano e que viraram práticas frequentes no Brasil desde a colonização, há uma desvalorização desses espaços e constantes tentativas de enfraquecê-los. A feira livre representa uma experiência peculiar de uso da rua, uma tradição urbana que vem resistindo, desde a expansão do moderno varejo, e que luta para persistir na paisagem urbana. A constante busca por “reformas” e “melhorias” nos espaços das feiras, de acordo com Hall, tem na cultura popular seu foco, mas são nesses locais de tradição que se encontram os principais locais de resistência popular (HALL, 2003. p.248). Um contínuo processo de embates, tensões, resistência e principalmente persistência, marca o cotidiano e a história das feiras populares, e o grupo popular continua reivindicando seu espaço.

A persistência mostra o pertencimento do grupo ao espaço, e a evidência deste vínculo é retratada por Halbwach, no seguinte trecho:

“Um grupo (...) não se contesta em manifestar que sofre, em indignar e protestar na hora. Resiste com todas as forças de suas tradições e essa resistência não permanece sem efeito. Procura e tenta, em parte, encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições. Tenta se manter ou se adaptar a um quarteirão ou rua que não são mais para ele, mas sobre o terreno que já foi seu.”(HALBWACH,1990. p.137)

Assim como o autor ressaltou, podemos encontrar na história das Feiras Alagoanas, que serão expostas através do recorte da Feira da Levada em Maceió e da Feira da cidade de Arapiraca, que ambas sofreram e ainda sofrem alterações, mas sobrevivem às adversidades, buscando sua subsistência. As feiras se reinventam, vendem outros produtos, reconstroem suas bancas nas ruas no entorno do seu antigo lugar e permanecem.

Ao focar na cultura material desses espaços, nota-se que a criatividade popular e a invenção são importantes ferramentas para reconstruir a materialidade da feira e contornar as dificuldades, cabe ao feirante usar da estratégia e da perseverança tornando o fazer popular (e o reconstruir) um importante elemento simbólico de luta e persistência popular.

A Espacialização do Popular

É bagunça organizada
Isso não nego e nem minto
E a sensação que se tem
Entrando em cada recinto
É medo de se perder
Nesse grande labirinto

Há barraca muito grandes
E pequenas também tem
Até carrinho-de-mão
Lá é barraca também
E se vende bugigangas
Até no trilho do trem
(TCHELLO D'BARROS, 2009)

A Feira, de modo geral, tem sua própria organização e dinâmica, que agrega uma pluralidade de comércios e formas de comercializar, como exposto pelo cordelista Tchello D'Barros (2009), são barracas de grande e pequeno porte, carrinhos-de-mão, até mesmo quando não se possui suporte para a exposição, coloca-se os produtos no chão ou nos trilhos do trem. Essa ação recorda a prática realizada na antiga feira do passarinho que fazia parte do complexo de feiras populares do bairro da Levada em Maceió-Alagoas e que dá nome a esse cordel.

Percebe-se então as particularidades da feira, e sua própria *maneira de fazer* que dá forma ao espaço. São atividades de invenção e criação que se espacializam, dando

forma à cultura material que compõe a paisagem do lugar. Ela tem como características as dificuldades e restrições referentes ao grupo que ali pertence.

Nesse sentido, Certeau (1998) expõe que o grupo popular usa de táticas para contornar as dificuldades e se apropriar de forma furtiva do espaço (CERTEAU, 1998. p.47). A composição do espaço também pode incorporar os embates com o poder público utilizando de materiais que se adequem às mudanças. Contudo, cabe ressaltar que a disputa entre o grupo popular de feirantes e o poder público é uma disputa de forças desiguais, e é por meio dessa disputa que nota-se uma compreensão de um espaço misto, entre confecção popular e do poder público, esse misto de atuações no espaço é resultado da persistência popular.

Um dos espaços que utilizamos como recorte deste artigo é a região de comércio popular do bairro da Levada, essa composição de comércio popular é expressiva no local desde o século XVIII. Segundo Almeida (s/data) a Levada já possuía 20% do território com o uso comercial, formado pelo Mercado da Produção, feiras livres, comércios atacadistas e pela CEASA/AL. A implantação da CEASA/AL, foi um ponto importante ao bairro que ocorreu nos anos 70 e essa implementação culminou tornando a região reconhecida como um centro de distribuição e comercialização de Maceió.

A autora ressalta que as feiras desempenharam um papel essencial na ocupação e na formação do bairro e ainda são, principalmente pela Feira do Passarinho e as feiras do Mercado da Produção. No entanto, com o passar dos tempos, a região foi alvo de modificações. Essas modificações atuaram de forma a desvalorizar o comércio local, como a saída do Ceasa do bairro, e a desarticulação das feiras.

Um desses embates teve a Feira do Passarinho como cerne, e findou com sua realocação. O mesmo aconteceu com a Feira de Arapiraca, Alagoas. Essas mudanças alteram a imagem espacial local de ambas as regiões, o que, de acordo com Halbwach (1990) tem um papel relevante para a memória coletiva do grupo e quando há ruptura, causa mudanças nas relações do grupo com o espaço. Dessa forma, trazer essas feiras como parte do recorte do trabalho evidencia as mudanças espaciais, da própria materialidade e das relações, mas ao mesmo tempo em que a feira se modifica e se perde em partes, também ousa permanecer e se apropriar dos espaços adjacentes, para continuar a construir a memória coletiva nos arredores da área que lhe é familiar.

Em se tratando da Feira do Passarinho, para melhor alusão à dinâmica da feira sob os trilhos, D'Barros, traz na continuação de seu cordel observações sobre a interação entre o trem e os feirantes no seguinte trecho:

Esse trem quando apita
É um aviso para o povo
Que tira a tralha do trilho
Num agito pavoroso
Mas mal o trem foi embora
E lá está tudo de novo

Vendem de pé sob o trilho
Estes que nem tem barraca
E fazem muitos escambos
Trocam tranqueira barata
Que vem de todos os cantos
Até de arapiraca
(TCHELLO D'BARROS, 2009)

Retomando a memória, a Feira do Passarinho é ponto bastante pertinente ao tema em questão, como exposto anteriormente, seu arranjo espacial começou a ser alterado em 2007 para a implantação do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), que apesar de buscar trazer melhorias para o bairro, impactou diretamente na imagem da feira da Levada e nas dinâmicas de compra, venda e de ocupação de toda região de feira da Levada.

Sobre a longevidade da Feira do Passarinho, Arnaldo Ferreira, em matéria para o portal de notícias Gazeta Web, indica que a forma do uso do espaço teve seu início na área do percurso do trem por volta de 1940 e complementa que “Por falta de espaço na rua principal, os ambulantes montavam bancas móveis, inclusive no meio dos trilhos do trem. Até os fotógrafos "lambe-lambe" desafiavam a ‘Maria Fumaça’ nos trilhos ou nas vias de acesso à feira” (FERREIRA, 2018).

A Feira, em questão, tinha aspectos de *tática* e a *gambiarra* do fazer popular como elemento importante em sua dinâmica e na sua composição, nas imagens retiradas do Canal do Youtube da Tv Ponta Verde (imagens 1 e 2) é perceptível o uso do chão para a exposição e venda de produtos, o uso do espaço pelas pessoas que caminham entre os trilhos olhando os produtos dispostos e as bancas que se localizavam às margens do trilho.



Imagem 1 e 2: Da esquerda para direita, Exposição de produtos entre os trilhos; O uso do espaço pela Feira do Passarinho. Fonte: TV Ponta Verde SBT. *Youtube*

Apesar da mudança de lugar da Feira do Passarinho e das alterações que essa mudança trouxe ao bairro, a Levada continua sendo uma região de feira popular. Contudo, é importante ressaltar que há diferenças materiais e imateriais nesses espaços.

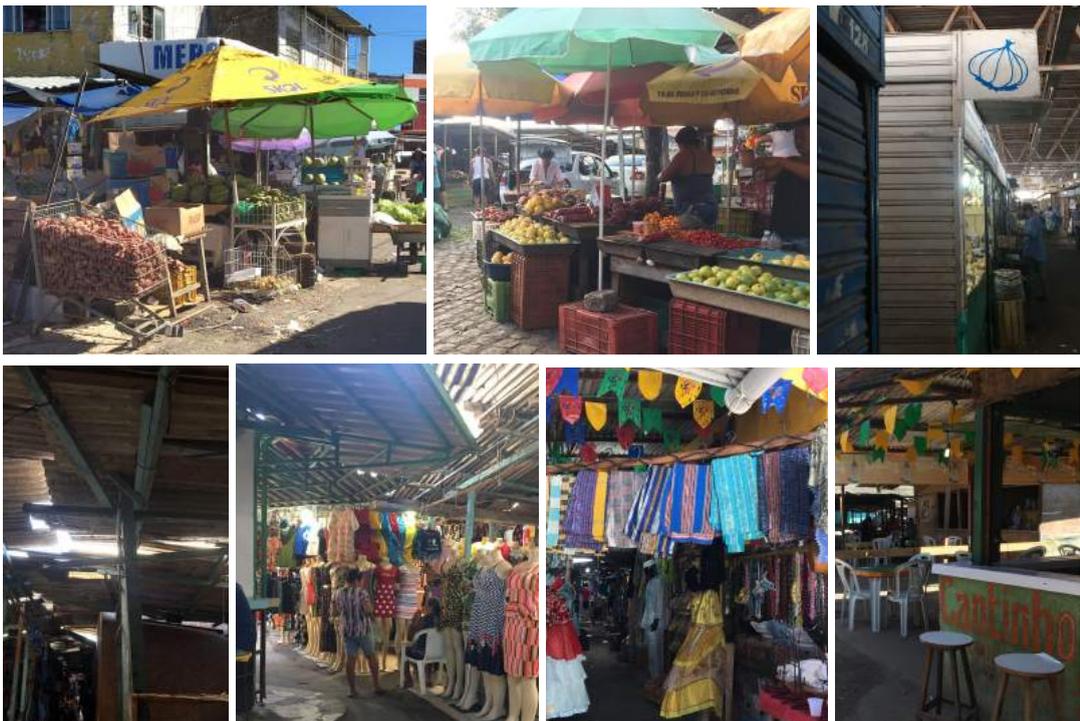


Imagem 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9: Diferentes pontos de comércio popular da Levada. Fonte: Grupo de Pesquisa Nordestanças

Percebe-se que há espaços onde os materiais utilizados nos passam a percepção de estabilidade, já outros materiais têm características que permitem mudanças, reconfigurações e realocações. Nas feiras que margeiam as ruas, as bancas podem ser formadas por madeira, materiais residuais, reaproveitamento de móveis, caixotes de feira, lonas e guarda-sóis, já nas áreas internas aos mercados ou áreas que parecem não atrapalhar os fluxos de trânsito da cidade, elas podem ser metálicas, de madeira, às

vezes com algum acabamento tipo pintura, ou até mesmo de alvenaria com acabamento em pintura ou cerâmica. Esses espaços “fixos” informais também podem ser cobertos, apesar de cada comerciante fazer sua própria coberta, elas se sobrepõem, dando ao lugar aparência de unidade.

Essas formas de construir podem ser vistas como *gambiarras* que Bouffleur (2013) define como a prática de “elaborar uma solução materializada para problemas e necessidades práticas [...] o termo também se refere ao produto resultante dessa prática” (Bouffleur, 2013. p.17).

Os aspectos que permeiam a apropriação da Feira de Arapiraca revalidam um modo de expressão consolidado pela historicidade da feira no lugar. Ao longo dos anos, a cidade se firmava como capital do fumo no Brasil, o que perdurou até meados de 1970, com o declínio da cultura fumageira. Impregnando a ambiência da feira, como um traço da identidade cultural local até os dias atuais, colocam-se em foco os fatores degradativos – sua remoção do bairro do Centro - ou que não regem a convivência entre a imaterialidade da feira e a cidade, ao se querer averiguar se existe uma relação intrínseca entre ambos.

As feiras populares persistem hoje através de diferentes formas de articulação e de sua capacidade de organização. Entretanto, quando se trata das feiras tradicionais presentes nas diversas cidades do interior nordestino, as ações de gestão pública, norteadas por uma perspectiva que não as insere como parte da dinâmica urbana, acabam sendo impeditivas. Constantemente ameaçadas, as feiras permanecem, como é o caso da Feira de Arapiraca, e algumas delas vão além, tornando-se referências culturais de suas cidades e Estados, como é o caso da Feira de Caruaru. “Não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade, mas, uma cidade que se formou em torno de uma feira”. A frase de Hermeto Pascoal, em entrevista³ para o portal da Prefeitura de Arapiraca, concedida em 2012, cai quase como uma descrição da origem da cidade de Arapiraca, Alagoas.

Após a sua descentralização, que ocorreu no ano de 2001, quando toda sua estrutura foi transferida para outra região do centro, a feira de Arapiraca foi consideravelmente

³ Entrevista concedida no ano de 2012, disponível em <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/338887/2019/05/12/feira-livre-deu-origem-ao-desenvolvimento-de-arapiraca>>, acesso em 03 de janeiro de 2020.

reduzida, mas continuou sendo parte importante do cotidiano dos arapiraquenses e alagoanos. Com a descentralização ocorreram mudanças na imagem da feira produzida por essa relação entre cultura material, imaterial e local. Atualmente, existem pontos espalhados pela cidade, numa espécie de desmembramento, que transformou a Feira de Arapiraca, que acontecia às segundas-feiras, em onze feiras, em diferentes bairros, não excluindo a feira das segundas-feiras – agora chamada feira tradicional apesar das mudanças decorrentes dos desmembramentos.

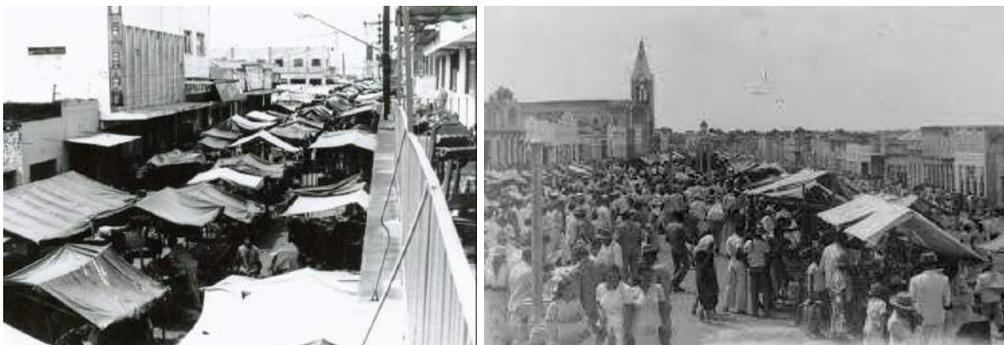


Imagem 10 e 11 : Feira de Arapiraca em 1974 na rua XV de Novembro. Fonte: Portal Prefeitura de Arapiraca.



Imagem 12: Feira de Arapiraca em 2018, nos arredores do Mercado Público Municipal. Fonte: Grupo de Pesquisas Nordestanças

As feiras, além de centralidades nas quais há intercâmbio de mercadorias, ainda preservam o caráter de festividade, de lazer e de apresentação de novidades. São elas que promovem os encontros de relações urbanas e rurais, pois podemos dizer que é o ponto de interseção de produtos dessas duas áreas citadinas, assim através dos produtos oferecidos nas feiras também é possível identificar o tipo de consumidor e seus costumes que conseqüentemente são aspectos que apresentam a cidade. Percebe-se ainda que a feira estabelece uma dinâmica, provoca um fluxo de mobilidade e em alguns casos é por causa da existência dela que uma localidade é considerada uma centralidade urbana.

A Feira em Arapiraca é um acontecimento pontual, o que a difere da feira da Levada. Os dias estabelecidos para ela ocorrer modificam totalmente a dinâmica do espaço: montam-se bancas, chegam os produtos, o vendedor analisa em qual local cada produto vai ficar. Tudo pensado e planejado para aquele dia. Nesse sentido, a bancas e a materialidade do espaço se difere bastante da Levada, por exemplo, a feira de Arapiraca tem as segundas-feiras para usar daquele espaço que se transforma de maneira eventual, ela o transforma totalmente no domingo a noite, para receber a Feira na madrugada de segunda-feira. Ao final do dia, o espaço volta a se destinar à circulação de automóveis e pessoas, até que chegue novamente a noite de domingo.

Enquanto na Feira de Arapiraca a materialidade se constrói de maneira pontual, semanalmente - ainda que permeie outras relações, como a construção das bancas, o esticar das lonas, o arrumar das frutas -, na Feira da Levada essa materialidade se consolida de forma mais contínua, se fixa na continuidade diária dos objetos, da organização do espaço e das relações.

A relevância das feiras livres para a economia formal e informal desperta o interesse em evidenciar as perspectivas da gestão e o planejamento municipal. As administrações, tanto Estadual quanto Municipal, ignoram a força da feira livre quando exposta como elemento gerador de renda e conseqüentemente de riqueza e também em seu aspecto cultural, não investindo e nem fortalecendo como um agente que poderia impulsionar diversos setores como o comercial, o de turismo e o de prestação de serviço. Convergindo e acentuando ainda mais o fluxo de pessoas para a cidade.

Atividades recentes da gestão pública em Arapiraca, por exemplo, mostram o interesse de realização de mais um reordenamento da feira, seguindo, novamente, ideias e interesses da Prefeitura de Arapiraca. O projeto chamado “Arapiraca Legal” tem como objetivo a reordenação e limpeza das ruas da cidade, incluindo as ruas do entorno do Mercado Público, onde se localiza a Feira. Ainda de acordo com a Prefeitura de Arapiraca, o projeto tem como objetivo tornar o setor mais estruturado, seguro e forte, alocando feirantes em quiosques do Mercado que não estão sendo devidamente utilizados. De acordo com matéria publicada no site da prefeitura em questão, alguns comerciantes do mercado utilizam mais de um quiosque, sendo um para vendas e outro como depósito. O poder público visa, então, coibir o uso de espaços dentro do mercado para depositar mercadorias.

A questão se institui: onde esses comerciantes guardarão, então, seus produtos? Tendo em vista que cada quiosque mede cerca de quatro metros quadrados, o que não é suficiente para organizar o espaço de venda, permanência do vendedor e estoque. E quanto à realocação de feirantes, que trabalham na rua, para dentro do mercado: até que ponto essa ação pode beneficiar esses feirantes? Quais os critérios utilizados? Há intenção de, pouco a pouco, diminuir a feira do entorno?

As ações do poder público costumam não considerar as necessidades reais e urgentes dos feirantes. Certeau (1998) define tais ações como: maneira de utilizar sistemas impostos, constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e a suas legitimações dogmáticas. (...) Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e referências utópicas. Aí se manifesta a opacidade da cultura ‘popular’ (...) O que se chama sabedoria, define-se como trampolinagem” (CERTEAU, 1998 p.78).

As diferenças entre as formas de se relacionar, se apropriar e atuar nos espaços públicos ficam evidentes e tomam força, principalmente em se tratando da construção dos espaços. A partir das análises dos espaços, podemos perceber que as memórias e histórias se fixam de formas diferentes nos espaços. A Levada tem em seus objetos, cultura material e espaço a capacidade de conter as memórias e relações com o grupo. Já a de Arapiraca, tem em suas relações com o local e com o evento, a matéria, nesse caso não atua como objeto em que a memória fixe, mas materialidade que auxilia na construção do "evento" digno de memória e de diversas relações.

Considerando as feiras, que pertencem ao espaço público urbano, a construção que parte da gestão municipal difere profundamente da construção que parte dos usuários do espaço, os feirantes. A relação entre esses grupos e suas formas de utilizar e moldar o espaço constrói uma série de implicações, formadas não só pelos aspectos físicos - embora eles sejam gritantes -, mas também pelos aspectos imateriais, experienciais e intangíveis, evidenciando a experiência do espaço, seus cheiros e sons, que constroem a Feira.

Referências

- ALMEIDA, Iria Rocha Cavalcante de. **Um espaço em transformação: a relação espacial entre CEASA/AL, feira livre e Mercado da Produção, Maceió, Alagoas.** Anais... In: II Colóquio [Inter] Nacional. [s/data] . Acesso em :27 de Abril de 2021. Disponível em:
<www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/2_cincci/4010%20Almeida.pdf>
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo Da Memória: Ensaios De Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial,2003.
- BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. **Fundamentos da Gambiarra: A improvisação utilitária contemporânea e seu contexto socioeconômico.** 2013. 252 p. Tese de doutorado (Arquitetura e Urbanismo)- USP, São Paulo, 2013.
- CASTRO, Igor. **Arapiraca Legal: Prefeitura promove ação para reabertura de quiosques do Mercado Público,** 2021. Disponível em:
<<https://web.arapiraca.al.gov.br/2021/02/arapiraca-legal-prefeitura-promove-acao-para-reabertura-de-quiouques-do-mercado-publico/>> Acesso em 17 de Abril de 2021.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: as artes do fazer.** 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- D'BARROS, Tchello. **A Feira Do Passarinho Em Maceió,** 2009. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/1363051>> Acesso em: 28 de Abril de 2021
- FERREIRA, Arnaldo. **Compra, venda e troca-troca: Feira do Passarinho se mantém viva em Maceió: Comércio de variados produtos se espalha pelas ruas e é fonte de sustento de muitas famílias,** 2018. Disponível em:
<http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/06/compra-venda-e-troca-troca-feira-do-passarinho-se-mantem-viva-em-maceio_56068.php> Acesso em: 30 Mar 2019
- FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Blucher, 2007.224p.

- HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 433p.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. 160 p.
- MERCADOS do Brasil: de norte ao sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 215 p.
- MIRANDA, Gustavo M. S. **Feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campinha Grande (PB)**. 2009. Dissertação de Mestrado UFPE, Recife.
- NASCIMENTO, Barbara Thomaz Lins do. **A imagem do lugar e seus reflexos: Um estudo do bairro da Levada**. 2008. 164 p. dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- UFAL, Maceió, [não publicada]. Disponível em: <<http://bdtd.fapeal.br/Titulos/15/a-imagem-do-lugar-e-seus-reflexos-um-estudo-do-bairro-da-levada>>. Acesso em: 30 mar 2019.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. São Paulo, 1993.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio De Janeiro: Record, 2015.